



O IMPACTO DA PSICANÁLISE NA TRANSFIGURAÇÃO DA TEORIA CRÍTICA *

The impact of Psychoanalysis on the transfiguration of Critical Theory

Carlos Roberto Drawin **

Resumo: O presente texto divide-se em três partes. Na primeira abordamos uma problemática de fundo da Teoria Crítica de modo a propor a flexibilização de suas fronteiras no sentido da abertura transdisciplinar e da incorporação de pensadores que normalmente não são incluídos em sua tradição. Nesse quadro teórico mais amplo se daria o seu encontro com a psicanálise. Na segunda parte caracterizamos alguns elementos desse encontro apontando as suas dificuldades e tomando as ideias de Wilhelm Reich como um caso exemplar dessas dificuldades enquanto tentativa de uma síntese freudiana-marxista. Na terceira parte propomos a polarização das duas correntes de pensamento como uma forma de manutenção de seu potencial crítico.

Palavras-chave: Teoria Crítica. Marxismo. Psicanálise. Humanismo. Naturalismo. Pulsão. Emancipação.

Abstract: This article will be organized in three parts. In the first part, we propose a problem grounded in the Critical Theory in a manner with which will be possible to push the boundaries of its traditional limitations as a method to adequately include authors that are not usual contributors of the field. Within this interdisciplinary approach it will be found a connection with the field of Psychoanalysis. The second part will address a few troublesome characteristics

* Artigo recebido em 30.03.2023 e aprovado para publicação em 18.04.2023.

** Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2005). Professor aposentado do Departamento de Filosofia da UFMG. Professor titular do Departamento de Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE).

of this connection through the studies of Wilhelm Reich as an exemplar attempt to put together a freudian-marxist conception. The third and last part, will be used to formulate a proposal in order to polarize the two traditions of thinking as an insurance to preserve their critical capacities.

Keywords: Critical Theory. Marxism. Psychoanalysis. Humanism. Naturalism. Instinct/Drive. Emancipation.

1. As vicissitudes teóricas da crítica

A “Teoria Crítica da Sociedade” (TCS), imprecisa e comumente designada a partir dos anos sessenta do século passado como “Escola de Frankfurt”, surgiu no primeiro pós-guerra, no contexto institucional do “Instituto de Pesquisa Social”, em decorrência do impasse teórico e político do marxismo.¹ Mas, haveria um grupo homogêneo de pensadores formando uma verdadeira “escola” no sentido de uma tradição de pesquisa na qual os temas, problemas e soluções guardariam certa homogeneidade e consistência interna? Haveria, para além da referência frequente a alguns nomes consagrados – Max Horkheimer, Theodor Adorno, Herbert Marcuse, Jürgen Habermas e Axel Honneth, para mencionar apenas os mais conhecidos – a formação de uma autêntica sucessão geracional a partilhar referenciais teóricos comuns? Ou os deslocamentos e inflexões teriam sido tão profundos a ponto de introduzir a descontinuidade ou mesmo a inversão da perspectiva crítica entre as concepções fundacionais representadas por Max Horkheimer e Theodor Adorno, desenvolvidas entre 1930 e meados da década de 1960 e as teorias desenvolvidas após a reorientação transcendental proposta por Jürgen Habermas e associadas, de modo mais ou menos e explícito, àquelas obras fundacionais? A própria ideia originária de “teoria crítica” não teria sido diluída no decurso das transformações históricas e ideológicas ocorridas na formação do capitalismo tardio? Haveria algo mais do que algumas filiações institucionais e certo parentesco difuso entre os diversos autores? As interrogações se multiplicam e o debate corrente a respeito implicaria enfrentar espinhosas questões metateóricas que ultrapassam em muito os propósitos e limites do nosso texto. Alguns estudiosos brasileiros nele intervêm judiciosamente, propondo critérios e hipóteses de grande lucidez de modo a indicar certo esgotamento da teoria crítica após a sua viragem autorreferencial quando a crítica se distanciou

¹ Como observa Wiggershaus, “a expressão “Escola de Frankfurt” é uma etiqueta adotada externamente nos anos sessenta, etiqueta essa que Adorno acabou por adotar com evidente orgulho. WIGGERSHAUS, Rolf. *A Escola de Frankfurt. História, desenvolvimento teórico, significação política*. Rio de Janeiro: Difel, 2002, p. 33-34. O “Instituto de Pesquisa Social” (Institut für Sozialforschung) foi inaugurado em 22 de junho de 1924 sob a direção de Carl Grünberg. Ver: JAY, Martin. *La imaginación dialectica. Historia de la Escuela de Frankfurt y el Instituto de Investigación Social (1923-1950)*. Madrid: Taurus Ediciones, 1974, p. 25-82.

de seu objeto – ou seja, as contradições internas da sociedade geradora de sofrimento e injustiça – para se ocupar de suas próprias condições de possibilidade e sanar o seu suposto déficit de fundamentação normativa.²

Passamos ao largo de tal debate embora o nosso texto pressuponha – sem recorrer a argumentações mais claramente assumidas e elaboradas – que a ideia de interdisciplinaridade, presente desde o início da fundação do “Instituto de Pesquisa Social”, como se vê no texto programático de Max Horkheimer seja uma exigência incontornável da crítica quando esta se volta para a “coisa mesma”, isto é, para a investigação dos impasses e contradições do modo de produção capitalista.³ Essa exigência implica o entrecruzamento de pesquisas empíricas e especulações conceituais, porém, em nossa época, caracterizada pela crescente fragmentação do conhecimento, o agravamento da divisão de trabalho com sua crescente integração sistêmica, o “empírico” não deva se limitar aos objetos de diversas disciplinas científicas, mas deva incluir também os testemunhos e narrativas dos sujeitos envolvidos naqueles impasses e contradições. Ou seja, a abertura teórica exigida pela orientação crítica precisa abranger estratégias de apropriação dos saberes vividos e de modos heterogêneos de ver o mundo, mesmo quando eles pareçam escapar aos parâmetros hegemônicos da racionalidade científica. Eles não seriam apenas objetos de investigação, mas vistos como dotados de verdadeiro alcance cognitivo. Portanto, a interdisciplinaridade, em si mesma extremamente difícil de ser praticada no domínio da pluralidade disciplinar, necessitaria ainda ser tensionada para o plano mais abrangente e desafiador da transdisciplinaridade. Isso significa acolher e se deixar questionar não apenas pelas vivências de sofrimento dos diferentes grupos oprimidos, mas também para

² A ideia de uma tradição da teoria crítica consistiria na retomada da crítica marxiana da economia política como modelo fundacional que, após, os retrocessos revolucionários do século XX seria retomado com uma nova perspectiva interdisciplinar. Essa retomada, proposta pelos escritos programáticos de Max Horkheimer e dirigidos ao “Instituto de Pesquisa Social” de Frankfurt, sob sua direção a partir de janeiro de 1931, iria se desdobrando em diversas gerações de pesquisadores. Ver: NOBRE, Marcos. “Modelos de teoria crítica”. In: NOBRE, Marcos (Org.). *Curso livre de teoria crítica*. Campinas, SP: Papirus Editora, 2013, p. 9-20. Sobre os desenvolvimentos mais recentes, uma suposta “quarta geração” frankfurtiana, ver o texto de apresentação de Marcos Nobre no “Dossiê Teoria Crítica” da revista do CEBRAP que reúne alguns desenvolvimentos recentes: NOBRE, Marcos. “Teoria crítica: uma nova geração”. *Novos Estudos Cebrap*. Vol. 93, julho 2012, p. 23-27. Alguns jovens estudiosos brasileiros fizeram excelentes e instigantes contribuições à discussão acerca do significado da “guinada epistêmica” de Habermas e ao programa de reconstrução normativa de Axel Honneth. Ver: DE CAUX, Luiz Philipe. “A reconstrução normativa como método em Honneth”. *Peri*, v. 7, n. 2, 2015, p. 83-98 e a exposição acerca transformação da teoria crítica em teoria tradicional da crítica no primeiro capítulo do excelente livro de Luiz Philipe De Caux. Cf. IDEM. *A imanência da crítica. Os sentidos da crítica na tradição frankfurtiana e pós-frankfurtiana*. São Paulo: Edições Loyola, 2021, p. 23-110.

³ Cf. HORKHEIMER, Max. “La situation actuelle de la philosophie sociale et les tâches d’un Institut de recherche sociale”. In: HORKHEIMER, Max. *Théorie Critique. Essais*. Paris: Payot, 1978. P. 65-80. Ver, GANGL, Manfred G. “Le programme interdisciplinaire de l’ Institut de Recherches Sociales sous la Direction de Max Horkheimer”. *Archives de Philosophie*, 49, 2, 1986, p. 205-223.

a positividade dos saberes tradicionais e populares e pelas mundividências de culturas alternativas à da modernidade hegemônica.⁴

A abertura interdisciplinar e o recuo teórico, impostos pelo bloqueio da revolução social, levaram os primeiros frankfurtianos à revalorização das fontes hegelianas do marxismo e dos escritos do jovem Marx e possibilitaram a reavaliação da autonomia da consciência e do papel da filosofia, como as obras de Karl Korsch e Georg Lukács já haviam antecipado.⁵ Além disso, tanto Horkheimer quanto Adorno encontraram preciosas fontes de inspiração em formas de pensar anteriormente estigmatizadas como idealistas, e consideradas, até mesmo, como antagônicas ao marxismo e aliadas às ideologias irracionais típicas das tendências mais reacionárias da burguesia. Certamente essa inspiração não pode ser confundida com o simples endosso filosófico, mas como um recurso necessário à manutenção do ímpeto crítico e evitar o seu esgotamento. Assim, por exemplo, a aproximação de Horkheimer a Schopenhauer não foi apenas uma circunstância da juventude, mas uma marca permanente na evolução de seu pensamento sem a qual não se pode compreender as cores ensombrecidas de sua coautoria na “Dialética do esclarecimento”.⁶ Do mesmo modo, a intensa dedicação do jovem Adorno ao estudo de Kierkegaard, apesar de sua rejeição do “salto da fé” proposto pelo filósofo dinamarquês, não foi

⁴ A ideia de transdisciplinaridade se difundiu a partir das propostas de Besarab Nicolescu. Ver: NICOLESCU, B. “Transdisciplinarity. Besarab Nicolescu talks with Russ Volkman”. *Integral Review*, 4, 73-87 e DOMÍNGUES, Ivan. “Multi, inter e transdisciplinaridade: onde estamos e para onde vamos?” *Pesquisa em Educação Ambiental*. V. 7, n. 2, p. 11-26. O dossiê Transdisciplinaridade do volume 25 de “Psicologia em Revista”, publicação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Minas. Nela são explorados, dentre outros aspectos, a pesquisa transdisciplinar sob a inspiração da teoria crítica. Ver: MOREIRA, Jacqueline de O.; RENA, Ana C.; BOLAÑOS, Diego; OLIVEIRA, Lucas C. “Teoria Crítica e transdisciplinaridade: uma aposta na proposta emancipatória”. *Psicologia em Revista*, v. 25, Belo Horizonte, 2019, p. 330-347.

⁵ Karl Korsch foi ligado ao Partido Socialista Independente da Alemanha e da ala esquerda do Partido Comunista, depois afastou-se de toda organização partidária. Ele propugnou um retorno mediatizado à fonte hegeliana do marxismo contra as tendências naturalista e eclética da Segunda Internacional (1889-1914), como eram às vezes defendidas em nome da superação e supressão científica do conjunto da filosofia. Ver: KORSCH, Karl. *Marxismo e filosofia*. Porto: Edições Afrontamento, 1977. Georg Lukács. Incomparavelmente mais conhecido, publicou em 1923 um ensaio de grande repercussão sobre “a coisificação e a consciência do proletariado” obra até hoje relevante para a compreensão contemporânea da teoria crítica. Ver: LUKÁCS, Georg. *Historia y conciencia de classe*. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1969, p. 123-266. Posteriormente Lukács, comprometido com a situação política da guerra fria, tornou-se adversário feroz da “filosofia burguesa em seu período imperialista”, sobretudo das “filosofias da vida”, do Schelling tardio a Heidegger e Jaspers. Ver: LUKÁCS, Georg. *El asalto a la razón. La trayectoria del irracionalismo desde Schelling hasta Hitler*. Barcelona: Grijalbo, 1978, p. 3-74. Em 2005 Axel Honneth reformulou o tema da reificação à luz de sua teoria do reconhecimento. Cf. HONNETH, Axel. *Reificação: um estudo de teoria do reconhecimento*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

⁶ Cf. SCHMIDT, Alfred. “L’oeuvre de jeunesse de Horkheimer et la naissance de la théorie critique”. *Archives de Philosophie*, Tome 49, Cahier 2, Avril-Juin 1986, p. 179-204. Ver também: RAULET, Gérard. “L’évolution de Max Horkheimer: vers le pessimisme?”. *Archives de Philosophie*, Tome 49, Cahier 2, Avril-Juin 1986, p. 249-274.

sem consequência para sua intransigente defesa da particularidade do indivíduo como existente concreto contra o seu esmagamento nos totalitarismos e seu achatamento nas sociedades de massa, bem como em sua fidelidade à promessa de felicidade inscrita em sua carnalidade sofrida. Desse modo Kierkegaard permanece presente no pensamento tardio de Adorno como se pode ver na conferência “Kierkegaard outra vez” de 1963 e em algumas passagens de sua “Dialética negativa”.⁷

Desse modo, a proposta interdisciplinar, mobilizada pelos desafios postos pela análise das contradições da sociedade capitalista em suas novas configurações históricas, encontrou um solo fecundo na abertura filosófica originária dos fundadores do “Instituto”. O curso dos acontecimentos não se mostrou mais promissor após a Segunda Guerra e o relativo consenso obtido, sob a pressão da Guerra Fria, para o estabelecimento do Estado de Bem-estar social. Os avanços não significaram a reversão das forças destrutivas do capitalismo, como os acontecimentos posteriores à derrocada do Estado Soviético tornaram patente. Se é assim, então a abertura filosófica e interdisciplinar, já presentes no início da teoria crítica, devem ser ainda mais aprofundadas e instada à travessia de novas fronteiras.⁸

Se assim for, uma teoria crítica concebida em toda sua abrangência deveria incluir filósofos que propuseram investigar as formas de subjetivação na sociedade capitalista liberal através dos procedimentos da biopolítica, como se vê em Michel Foucault ou da normalização do estado de exceção como propõe Giorgio Agamben. Afinal, quando Foucault parte da hipótese da inexistência dos universais antropológicos e prioriza as práticas discursivas concretas, ele não estaria lidando com aquela questão da fundamentação

⁷ Na supracitada conferência Adorno afirma: “*Frente à objetificação e à socialização de todas as relações entre os homens nos cem anos após sua morte [de Kierkegaard], a posição do indivíduo, à qual ele atribuía a mais alta dignidade, mostrou-se como um refúgio da exploração dominante, inimiga da determinação individual, que degrada todos ao mero desempenho de seu papel*”. ADORNO, Theodor. “Kierkegaard outra vez”. In: ADORNO, Theodor. *Kierkegaard. A construção do estético*. São Paulo: Editora Unesp, 2010, p. 247. Na “dialética negativa” as contribuições positivas de Kierkegaard – como o seu “páthos antiacadêmico” e sua sensibilidade para com a irrupção da história vivida na especulação – tornam-se menos nítidas no contexto de sua dura crítica à ontologia de Heidegger. Cf. ADORNO, Theodor. *Dialectica negativa*. Madrid: Taurus, 1975, p. 66-67; 72; 132. Ver, especialmente, a primeira parte, cap. I (Necessidade da ontologia) e cap. II (Ser e existência), p. 65-135. Para a relação de Adorno com Kierkegaard e sua influência na teoria estética do filósofo, ver: MÜLLER-DOOHM, Stefan. *En tierra de nadie. Theodor W. Adorno: uma biografia intelectual*. Barcelona: Heder Editorial, 2003, p. 178-195.

⁸ O processo de globalização – caracterizado pela rede planetária do capital financeiro e pela difusão do modo de vida dos países capitalistas centrais – suscitou diferentes formas de resistência psicossocial e cultural. Assim, por exemplo, no que diz respeito à gravíssima crise ambiental, emergiram outras formas de ver a relação natureza e cultura ou de conceber a própria distinção entre natureza e cultura, que é, aliás, um dos temas axiais da “Dialética do Esclarecimento”. Ver: DESCOLA, Philippe. *Outras naturezas, outras culturas*. São Paulo: Editora 34, 2016. Ou, CASTRO, Eduardo Viveiros de. *Metafísicas canibais. Elementos de uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

normativa crucial para a controvérsia atual em torno da teoria crítica? Ele não estaria tangenciando, com sua história crítica das modalidades de subjetivação, o problema por ele mesmo atribuído aos frankfurtianos acerca “*da racionalidade irracional da sociedade capitalista*” e da dificuldade em recorrer à demarcação prévia “*entre o racional e o irracional*”? E Giorgio Agamben também não mostraria em sua crítica à idealização normativa habermasiana da comunicação irrestrita certa mistificação presente nas democracias liberais e cuja expressão brutal já teria sido antecipada em Auschwitz?⁹

Mas a abertura transdisciplinar e a incorporação de problemáticas científicas e filosóficas heterogêneas não levariam à implosão da tradição da teoria crítica e sua dissolução no mais grosseiro e estéril ecletismo? Por outro lado, pode-se objetar, se já há, após a viragem habermasiana, uma ruptura desfiguradora no interior da própria tradição da teoria crítica, que seria apenas extrinsecamente, definida por critérios institucionais e geracionais, o problema já não estaria posto?

Essas interrogações exigem o enfrentamento de problemas sumamente complexos, embora igualmente inevitáveis como o da interpenetração entre intenção emancipatória e a justificação normativa, entre a análise imanente das contradições sociais e os valores e ideais que a orienta, ou em outros termos, o da inter-relação entre a particularidade das experiências concretas dos indivíduos e grupos discriminados e oprimidos, suporte da práxis, e a universalidade discursiva como requisito para a constituição argumentativa do espaço público, que fornece à crítica a sua consistência teórica.¹⁰

Não é aqui lugar para abordarmos tantas e tão tortuosas interrogações filosóficas. O nosso propósito se limita a assinalar como os problemas da justificação normativa da teoria crítica e as ideias retoras de sua vinculação com a prática e a intenção emancipatória do ser humano são impactadas pelo encontro com a psicanálise e reverberam no interior da própria teoria psicanalítica. A hipótese muitíssimo simples é a seguinte: a psicanálise contém um elemento trágico aparentemente incompatível com a sua intenção terapêutica e o caráter insolúvel dessa tensão ajuda a pôr em questão a idealização moderna do progresso como emancipação, subjacente ao desenvolvimento teórico do marxismo.

⁹ Cf. FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008. Esp. p. 5 e 144. Ver, por exemplo, a crítica de Agamben a Apel em: AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e o testemunho*. São Paulo: Boitempo, 2008, p. 71-73 e a crítica a Habermas em: AGAMBEN, Giorgio. *O reino e a glória: uma genealogia teológica da economia e do governo*. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 280-281.

¹⁰ Após examinar alguns critérios definidores da identidade da teoria crítica – como os critérios institucional, genealógico e metodológico – Amaro Fleck avança algumas hipóteses interessantes sobre a necessidade da interdisciplinaridade, a prioridade do objeto, a autonomia da teoria, dentre outros. Ver: FLECK, Amaro. “Afim de contas, o que é teoria crítica?” *Princípios. Revista de Filosofia*. Natal, v. 24, n. 44, maio-ago. 2017, p. 97-127. Para suas hipóteses ver, especialmente, as p. 116 e 119.

Certamente essa hipótese pode ser vista como puro e simples conservadorismo por parte da psicanálise, de sua descrença no potencial transformador da práxis política. Não obstante, se as escolhas e as ações não podem ser indefinidamente suspensas elas podem ser realizadas sob certa suspensão teórica, como a da possibilidade da emancipação humana e sob a aceitação da radicalidade da contingência histórica como o impossível de ser conceitualmente determinado no horizonte atual do pensamento. Ora, a polarização entre a psicanálise e o marxismo, enquanto duas formas diferentes de pensar a humanidade do homem, isto é, acerca do caráter paradoxal do *homo humanus* em relação ao conjunto da natureza, teve como efeito, nos albores da teoria crítica, a sua readequação recíproca perfazendo um duplo movimento de revisão. Mas talvez se possa, na perspectiva acima esboçada, manter a polarização entre a psicanálise e o marxismo sem nos apressarmos no sentido de uma conciliação entre os dois. O suportar essa negatividade, como mostrou Adorno, não se trata de uma atitude pessimista, mas uma forma de resistência à barbárie que talvez faça maior justiça ao recuo crítico inaugural da tradição frankfurtiana.¹¹

No que se segue, embora abordemos dois autores que não fazem parte da demarcação ortodoxa daquela tradição, o fizemos com o intuito de ilustrar o impacto transfigurador da psicanálise na compreensão crítica da dinâmica do capitalismo. Assim, retomamos num primeiro momento, através de Wilhelm Reich, o encontro inicial do marxismo com a psicanálise, encontro este colocado na perspectiva revisionista, a qual designamos como definindo a posição da polarização mitigada e, num segundo momento, através de alguns recortes conceituais na extensa obra de Slavoj Žižek e com eles pretendemos sinalizar a direção daquilo que poderia ser designado como a posição da polarização radicalizada¹².

2. A posição da polarização mitigada

2.1. A caracterização geral do encontro do marxismo com a psicanálise

O “Instituto de Pesquisa Social” nasceu no contexto sociocultural da Europa Central, aquele no qual se situavam os impérios europeus militarmente derrotados e politicamente dissolvidos. A Alemanha Guilhermina foi substituída pela República de Weimar e a derrocada do Império Austro-Húngaro

¹¹ Ver: FLECK, Amaro. “Resignação? Práxis e política na teoria crítica tardia de Theodor W. Adorno”. *Kriterion*, Belo Horizonte, v. LVIII, n. 138, set/dez. 2017, p. 467-490.

¹² Para uma lúcida exposição do revisionismo psicanalítico, ver: JACOBY, Russel. *Amnésia social. Uma crítica à psicologia conformista, de Adler a Laing*. Rio de Janeiro, 1977. De modo especial, p. 88-117.

acabou dando lugar à fragmentação étnica e linguística dos Balcãs. Quais as alternativas se colocavam diante desse imenso abalo cultural a suscitar o brusco despertar dos sonhos liberais de modernização? Na terra devastada pela catástrofe mundial da guerra os ideais do progresso capitalista pareciam estar bloqueados, sem que o anúncio otimista de sua superação revolucionária se mostrasse próximo ou viável. As convicções ideológicas da Segunda Internacional (1889-1914) acerca da transição para o socialismo haviam sido desacreditadas quando os socialistas alemães, representados pelo partido mais importante da Segunda Internacional, sucumbiram ao nacionalismo e votaram a favor dos créditos de guerra traindo, desse modo, o internacionalismo e a confraternização dos povos proclamados pelo “Manifesto Comunista”. A República de Weimar, emergente após a queda do império alemão, carregava o ônus desse descrédito, mostrando-se, desde o início, fragilizada pelo embate entre a direita nacionalista e a esquerda comunista e pela ambivalência ideológica do governo social-democrata presidido por Friedrich Ebert. A dura repressão ao movimento espartaquista – com o assassinado de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht – não interrompeu a maré montante do conservadorismo e da contrarrevolução, apesar da relativa estabilização após as turbulências financeiras e políticas de 1923. Com a crise econômica crônica, o profundo ressentimento relativo às consequências desastrosas do Tratado de Versalhes e a debilidade da coalizão partidária os valores republicanos pouco empolgavam o povo alemão, nem às elites, menos ainda aos múltiplos segmentos nacionalistas e à exaurida classe média.¹³

Com o golpe leninista de outubro de 1917 o programa bolchevique de centralização partidária, em detrimento da democracia popular, acabou prevalecendo e nos anos vinte do século passado o gradativo colapso dos soviets já indicava a direção autoritária que iria encontrar na vitória do estalinismo a sua plena expressão.¹⁴ Com o capitalismo mergulhado em sua crise estrutural e já se consolidando a desilusão acerca de sua virtualidade progressista e tendo as revoluções anunciadas também fracassado, desenhava-se o impasse histórico. O que restaria como alternativa política se nem o partido socialista e nem o partido comunista alemães se apresentavam como vias promissoras? Se o capitalismo parecia cristalizado em suas contradições e o comunismo soviético descia ladeira abaixo do totalitarismo?

¹³ Cf. VINCENT, Jean-Marie. *La théorie critique de l'école de Francfort*. Paris: Éditions Galilée, 1976, p. 13-56. Assim como a obra já citada de Martin Jay. Esse clima é também retratado no ensaio de Stuart Jeffries. Ver: JEFFRIES, Stuart. *Grande hotel abismo. A Escola de Frankfurt e seus personagens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 23-20

¹⁴ Sobre o caráter golpista do movimento bolchevista e suas reviravoltas táticas em relação aos soviets, ver: DARDOT, Pierre e LAVAL, Christina. *A sombra de outubro. A Revolução Russa e o espectro dos soviets*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2018.

Essas tendências tornaram-se ainda dramáticas nos anos trinta com os movimentos de massa impulsionando a ascensão dos fascismos e do nazismo e com a instalação do terror estalinista massacrando, com os tristemente célebres “processos de Moscou” (1936-1938), os mais velhos e fiéis bolcheviques.¹⁵ A história parecia estar interdita e, portanto, tornava-se imperativo o recuo teórico necessário para o repensamento de seu bloqueio, com a decisão de suspender a militância política imediata e o abandono do otimismo ingênuo acerca do futuro próximo da humanidade. Ou, nas palavras de Wilhelm Reich, o grande desafio, derivado concretamente da não coincidência entre a “*posição socioeconômica das classes*” e sua composição ideológica consistiria em

saber o que causa essa clivagem entre os dois fatores [a situação econômica e a estrutura ideológica das classes dominadas], ou seja, o que impede a correspondência entre a situação econômica e a estrutura psíquica das massas populares. Trata-se, portanto, de compreender a própria essência da estrutura psicológica das massas e a sua relação com a base econômica da qual se origina.¹⁶

A rápida ascensão do Partido Nazista nas votações do período de 1928 a 1933 não poderia ser explicada pela conveniência circunstancial de sua aliança com as elites burguesas e sua defesa ambígua do capitalismo. Entre os seus eleitores havia estratos significativos de trabalhadores e operários, e uma parcela substancial da baixa classe média. Como observa Reich, o movimento fascista de massas não era alheio a algumas de suas mais caras crenças e aspirações uma vez que

A ideologia de cada agrupamento social tem a função não só de refletir o processo econômico dessa sociedade, mas também – e principalmente – de inserir esse processo econômico nas estruturas psíquicas dos seres humanos dessa sociedade. Os seres humanos estão duplamente sujeitos às condições de sua existência: de um modo direto, pelos efeitos imediatos de sua situação socioeconômica, e, indiretamente, pela estrutura ideológica da sociedade; deste modo, desenvolvem sempre, na sua estrutura psíquica, uma contradição que corresponde à influência exercida pela sua situação material e a influência exercida pela estrutura ideológica da sociedade.¹⁷

¹⁵ Apesar do uso ideológico e das polêmicas desencadeadas quando de sua publicação, pode-se ler com proveito o resumo sobre o “grande terror” (1936-1938) na obra coletiva de COURTOIS, Stéphane [et al.]. *O livro negro do comunismo. Crimes, terror, repressão*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018, p. 223-243.

¹⁶ Cf. REICH, Wilhelm. *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 13. O livro de Reich intitulado “*Massenpsychologie des Faschismus*” foi publicado em março de 1934 e o seu prólogo datado de setembro de 1933. A edição brasileira é a tradução da terceira edição corrigida e ampliada da obra de 1934, publicada em inglês em 1946. Nela há o acréscimo de diversos capítulos, como se pode ver pelas referências cronológicas contidas em alguns deles, como o primeiro, o nono e o décimo capítulos.

¹⁷ Cf. REICH, Wilhelm. *Op. cit.* p. 17.

As duas citações de Reich indicam, por seu caráter programático, a magnitude do desafio teórico a ser enfrentado. Como distinguir e relacionar os diversos níveis estruturais – o socioeconômico, o ideológico e o psíquico – além de analisar as contradições internas de cada um deles e orientar normativamente a sua possível resolução histórica?

Como já se observou, sob a direção de Max Horkheimer as atividades do “Instituto” deveriam se voltar para a pesquisa interdisciplinar filosoficamente orientada, o que se traduzia na retomada das fontes hegelianas do marxismo e na revalorização do conceito marxiano de alienação, respaldada pela publicação então recente dos “Manuscritos econômicos e filosóficos” de 1844.¹⁸ A leitura dos textos do jovem Marx e, sobretudo, em sua apropriação do conceito de alienação se deu sob o efeito hermenêutico da leitura dos textos de Freud, sobretudo de seu desencanto quanto à cura do mal-estar civilizacional. Isso ocorreu não somente em relação a Horkheimer e Adorno, mas também na obra madura de Herbert Marcuse.¹⁹

Assim, à luz dessa orientação de abertura crítica para a heterogeneidade das filosofias e das ciências, a psicanálise freudiana tornou-se um recurso imprescindível para a compreensão das razões do fracasso da revolução, mesmo quando as condições objetivas – como a brutal desigualdade na distribuição da renda e a existência de organizações sindicais fortes – pareciam estar maduras para a sua eclosão. Por que a classe operária, e os oprimidos em geral, não só não assumiam os seus próprios interesses, mas se deixavam seduzir pelos movimentos de massa fascistas? A resposta a tais indagações deveria provir da investigação dos processos de subjetivação através dos quais os indivíduos e grupos abraçavam a sua

¹⁸ Os “manuscritos” foram parcialmente publicados em russo em 1927 e em 1932 nas edições completas em alemão e russo. O “Instituto” de Frankfurt esteve vinculado aos trabalhos do “Instituto Marx-Engels” de Moscou, sob a direção de David Ryazanov e colaborou, com o envio de manuscritos para a publicação das “Obras Completas” de Marx e Engels Cf.: JAY, Martin. *Op. cit.*, p. 40. Pode-se considerar que a pedra angular dos “manuscritos” seja a categoria de trabalho alienado. Ver, RENAULT, Emmanuel. “Trabalho alienado e filosofia da prática”. In: RENAULT, E.; DUMÉNIL, G. e LÖWY, M. *Ler Marx*. São Paulo: editora UNESP, 2011, p. 141-152.

¹⁹ O desenvolvimento da obra marcuseana foi fortemente influenciado pela tradição fenomenológica e existencial. Não apenas em seus escritos de juventude, como é notório em sua tese de habilitação, mas também em seus escritos mais importantes. Assim, o Husserl tardio da “Crise das ciências europeias” e a crítica heideggeriana da técnica são presenças inegáveis em sua obra da maturidade. Ver: MARCUSE, Herbert. *One-dimensional man. Studies in the ideology of advanced industrial Society*. Boston: Beacon Press, 1964, p. 144-169. Esp. p. 152-153. Ver, SCHOOLMAN, Morton. *The imaginary witness. The critical theory of Herbert Marcuse*. New York/London: Macmillan Publishing Co., 1980, p. 202; 220-221. A hermenêutica do conceito marxiano de alienação também é persistente na tradição frankfurtiana. Por exemplo, na leitura marcuseana de Hegel em seu livro essencial de 1941. Cf.: MARCUSE, Herbert. *Reason and Revolution. Hegel and the rise of social theory*. Boston: Beacon Press, 1960, p. 173-195. A interpretação da ideia marxiana de alienação conjugada ao freudismo é nítida em Erich Fromm. Ver: FROMM, Erich. *Conceito marxista do homem*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

“servidão voluntária” e temiam tomar em suas mãos as rédeas de seu próprio destino. A psicanálise tornava-se imprescindível justamente por colocar em questão a intencionalidade consciente da vontade dos atores sociais e ao evidenciar a dinâmica afetiva e pulsional moldando as escolhas dos indivíduos e dos grupos, mesmo quando feitas sob a capa da justificação racional.

No entanto, na concepção até então dominante no marxismo, uma dificuldade se interpunha na apropriação da teoria psicanalítica. Marx, como se sabe, inseria a crítica social na trama constitutiva da análise científica do modo de produção capitalista e o fazia situando a economia política no quadro filosófico mais amplo da teoria da alienação. Se há alguma descontinuidade do foco temático da pesquisa marxiana entre os seus escritos de juventude e os da maturidade, esta, a nosso ver, não pode ser interpretada como o abandono de sua problemática filosófica de fundo, pois os deslocamentos estão interconectados pelas teses básicas do Materialismo Histórico com suas proposições mais genéricas acerca do enraizamento da alienação humana nas condições históricas do trabalho como processo de transformação social da natureza cujo cerne encontra-se enraizado nas contradições estruturais entre as forças produtivas e as relações sociais de produção.²⁰

O imenso trabalho investigativo de Marx direcionado à crítica da economia política não lhe permitiu desenvolver maiores considerações filosóficas acerca de seu projeto científico. Mas Engels a isso se dedicou e, diga-se de passagem, com a aprovação de Marx, e procurou articular as teses do materialismo histórico marxiano a uma filosofia da natureza supostamente condizente com a mais avançada pesquisa científica, na composição de uma visão de mundo comumente designada como “materialismo dialético” (Diamat). Suas duas teses fundamentais podem ser resumidas nas afirmações da primazia ontológica da matéria e da natureza em relação ao espírito e da primazia epistemológica da realidade socioeconômica em

²⁰ Como se sabe Louis Althusser defendeu a tese da ruptura entre os escritos de juventude e os de maturidade na obra de Karl Marx. Assim, para ele, alguns marxistas, como Lukács, teriam projetado a teoria juvenil da alienação na teoria do fetichismo de “O capital”. Não há como discutir a questão aqui, mas na lógica de nossa exposição, voltada para a teoria crítica da sociedade, não endossamos a interpretação althusseriana. Ao contrário, apesar dos deslocamentos temáticos, acreditamos haver substancial continuidade entre as teorias da alienação e do fetichismo. Ver: BEDESCHI, Giuseppe. *Alienación y fetichismo en el pensamiento de Marx*. Madrid: Alberto Corazón Editor, 1975, p. 257-282. Ver também: SCHAFF, Adam. *La alienación como fenómeno social*. Barcelona: Editorial Grijalbo, 1979, p. 41-142. Marx afirmava que somente por meio da “transformação do mundo objetivo” o homem “começa a manifestar-se como ser genérico (*Gattungswesen*)” (...) e, portanto, “o trabalho alienado ao arrebatado do homem o objeto de sua produção lhe arrebatou a sua vida genérica” (...) tornando-o um “ser estranho (*entfremdet*) a si mesmo”, ou seja, alienado de sua essência humana. Cf.: MARX, Karl. “Manuscritos econômico-filosóficos de 1844”. In: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Escritos económicos varios*. Barcelona, editorial Grijalbo, 1975, p. 68.

relação ao sujeito cognoscente. Essas duas teses assegurariam a incorporação do marxismo ao domínio científico. Certamente, as obras de Marx e Engels guardam uma complexidade e uma sutileza que não permitem, de modo algum, a sua caracterização esquemática por meio dessas proposições, aqui sumariamente elencadas e nem Engels pode ser visto como a *bête noire* da teoria materialista. Ao contrário, essa extrema simplificação das elaboradas e difíceis análises marxianas e mesmo das ideias mais nuançadas da filosofia de Engels proveio do êxito ideológico do marxismo e sua difusão na época da Segunda Internacional com a consequente necessidade política de torná-las mais acessíveis ao movimento operário, embora assegurando o seu caráter supostamente científico e conforme ao padrão mais avançado das ciências da natureza. Assim, as teses básicas do Materialismo Dialético são reiteradas num sentido naturalista e a sua expressão emblemática encontra-se em Karl Kautsky ao afirmar que Marx teria tomado Hegel como ponto de partida, enquanto ele partia de Darwin. Para ele, apesar de ter se inspirado na filosofia hegeliana da história, as concepções de Marx e Darwin eram complementares uma vez que o primeiro fora “o descobridor da lei fundamental que regula o curso e o desenvolvimento da história” e o segundo descobrira “a lei de desenvolvimento da natureza orgânica em nosso planeta”.²¹

Ora, o risco mais evidente dessa orientação de feição reducionista consistiu em conceber o fim do capitalismo e a passagem para o socialismo como uma evolução gradativa e inexorável resultante de diversos fatores, dentre os quais se somaria a ação reformista dos partidos socialistas. Lênin compreendeu bem a gravidade de tal risco, cuja nitidez era ainda maior quando visto a partir da realidade de uma nação econômica e socialmente tão atrasada como a Rússia. A sua solução foi contrapor à evolução natural e gradativa, posta como justificação das propostas reformistas encaixadas nos limites da democracia liberal, à revolução política liderada por um partido de vanguarda capaz de orientar e dirigir cientificamente a consciência espontânea das massas. A solução leninista, porém, apesar de encarnar a

²¹ Baseamo-nos aqui na história do marxismo organizada por Eric Hobsbawm e outros e que congrega um conjunto de textos de estudiosos contendo informações preciosas para quem não as pode consultar diretamente em suas fontes. Trata-se de extensa obra publicada em 12 volumes. Sobre o materialismo histórico: MCLELLAN, David. “A concepção materialista da história”; VILAR, Pierre. “Marx e a história” e MÉSZÁROS, Istvan. “Marx ‘filosófico’”. Sobre Engels e a difusão do marxismo: JONES, Gareth Stedman. “Retrato de Engels” e HAUPT, Georges. “Marx e o marxismo”. Ver: HOBSEBAWN, Eric J. et [al.]. História do marxismo. Vol. I: O marxismo no tempo de Marx. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. Respectivamente nas p. 67-126; p. 157-195; p. 347-421. E também, ANDREUCCI, Franco. “A difusão e a vulgarização do marxismo”; HOBSEBAWN, Eric J.. “A cultura europeia e o marxismo entre o séc. XIX e o séc. XX”. Sobre as ideias de Kautsky, ver: SALVADORI, Massimo. “Kautsky entre ortodoxia e revisionismo”. Os três últimos textos encontram-se em: HOBSEBAWN, Eric J. História do marxismo. Vol. II: O marxismo na época da Segunda Internacional. (Primeira parte). Rio de Janeiro: Paz e terra, 1982. Respectivamente nas p. 15-73; 75-124 e 299-339. As frases em itálico encontram-se no artigo supracitado de Massimo Salvadori.

ruptura política com relação ao revisionismo da Segunda Internacional, manteve, como se evidencia em sua polêmica com o empiriocriticismo, a ontologia naturalista como pano de fundo do Materialismo Dialético, reafirmando a teoria do conhecimento como reflexo das condições materiais externas. Embora em seus “Cadernos filosóficos” ele tenha manifestado elevada consideração pela lógica hegeliana isso não impactou decisivamente em seu modo de pensar fiel à inversão materialista da “Ciência da lógica” e tomando a doutrina de Marx como “*uma concepção integral do mundo*”, onipotente, exata, completa e harmoniosa.²²

Por conseguinte, nem o materialismo cientificista da Segunda Internacional e nem a inflexão política do marxismo leninista, tornado, após a Revolução Russa, ainda mais fechado e enrijecido como ideologia de Estado Soviético, se propuseram a enfrentar os enormes desafios epistemológicos e ontológicos que travavam o desenvolvimento de uma teoria crítica da sociedade capaz de dar conta tanto do fracasso ético e social do capitalismo, quanto da derrota da revolução política. Essa consciência aguda das contradições contemporâneas, não custa reiterar, justificava o recuo para a teoria e a abertura interdisciplinar acolhendo a pluralidade dos saberes sem estigmatizá-los previamente como burgueses e contrarrevolucionários. Para o êxito desse empreendimento a crítica da sociedade burguesa e do capitalismo deveria passar necessariamente pelo confronto do marxismo com a psicanálise de modo a afastar as seduções de uma visão de mundo simultaneamente totalizante e científica com suas sequelas: o reducionismo, o mecanicismo, o determinismo, o evolucionismo e o economicismo.

No entanto, a psicanálise – um tipo de teoria considerada em geral como de inclinação individualista e unilateralmente voltada para a problemática sexual – era não somente descartada pelo marxismo e tida como típica manifestação da ideologia burguesa como também era rotulada, por muitos, como expressão extrema de sua decadência. Conforme destaca Rouanet, a revista “*Unter dem Banner des Marxismus*”, que era desde 1925 um órgão teórico do marxismo soviético, não a poupava de duros ataques:

É nessa revista que são desencadeados os ataques mais violentos contra a psicanálise. Num artigo de Thalheimer, o freudismo é caracterizado como “idealismo em sua forma mais absurda, mais grosseira”, “contrassenso

²² Lênin em seus “Cadernos filosóficos”, comentando as “Lições sobre a filosofia da história” de Hegel afirma: “o idealismo inteligente está mais perto do materialismo inteligente do que o materialismo estúpido”. LENINE, Vladimir I. *Cadernos filosóficos*. Apud, LEFEBVRE. *O pensamento de Lenine*. Lisboa: Moraes Editores, 1969, p. 149. Sobre essa caracterização da doutrina de Marx, ver: LENINE, Vladimir I. “As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo”. I: LENINE. *Obras escolhidas*. Vol. 1. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1986, p. 35-39. Para uma discussão filosófica acurada da interpretação materialista da “Ciência da lógica” de Hegel, ver: PUNTEL, Lorenz Bruno. “A ‘Ciência da Lógica’ de Hegel e a dialética materialista: uma nova visão de um antigo problema”. In: SÍNTESE (Nova Fase). Vol. II, n. 5 (1975), p. 3-36.

fantástico”, “charlatanice”, “bacilo de putrefação”. É uma fantasia malsã, produto de uma pequena burguesia decadente, preocupada exclusivamente com a sexualidade.²³

Apesar dessa intensa hostilidade por parte de muitos teóricos marxistas alguns psicanalistas, como Otto Fenichel e Siegfried Bernfeld, se empenharam na aproximação do freudismo com o marxismo, buscando apoiar em seu caráter científico comum o ponto no qual poder-se-ia se dar a convergência entre ambos. Afinal Freud ao invés de substancializar a mente e dela fazer a base de uma metafísica espiritualista, como teria ocorrido com a tradição idealista desde sua fundação no cogito cartesiano, a concebia como um campo de forças antagônicas cuja dinâmica repousava, em última instância no solo material das pulsões sexuais. Freud, desconhecendo soberanamente a querela alemã entre as Ciências do Espírito e as Ciências da Natureza, pretendia ter estabelecido as bases de uma ciência natural do psiquismo e em sua polêmica contra as ilusões das visões de mundo religiosas não vacilava em contrapô-las à psicanálise como “*parte da ciência*” (Naturwissenschaft) e filiada “*à visão científica de mundo*” (wissenschaftliche Weltanschauung). E aqui a conexão com o materialismo poderia ser solidamente estabelecida.²⁴

O êxito desse empreendimento de aproximação dependia, porém, de reajustar o enfoque epistemológico das duas abordagens de modo a restringir tanto a inclinação economicista do marxismo, reconhecendo o papel da subjetividade na luta de classes, quanto a inclinação biologista do freudismo, reconhecendo o caráter histórico do recalque e do conflito pulsional de modo a descortinar a possibilidade de sua superação numa sociedade comunista.²⁵

No caso da psicanálise alguns obstáculos pareciam intransponíveis a não ser se alguns de seus postulados básicos fossem revistos. Pode-se entender isso de modo bem simples se traçarmos o desenvolvimento da metapsicologia freudiana do seguinte modo. Na primeira fase de sua teorização Freud estabeleceu o mecanismo do recalque como sendo o conceito primordial de seu modelo do psiquismo no qual se diferenciavam dois sistemas dotados de lógicas distintas e mesmo contrapostas, como

²³ Conforme citado por Helmut Dahmer em “Libido und Gesellschaft” tese de doutorado de 1973. Apud, ROUANET, Sérgio Paulo. *Teoria crítica e psicanálise*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: Edições da Universidade federal do Ceará, 1983, p. 16.

²⁴ FREUD, Sigmund. “O futuro de uma ilusão” (1927). In: FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. Vol. 17. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 301. A filiação da psicanálise à visão científica do mundo encontra-se em “Acerca de uma visão de mundo”. Cf. FREUD, Sigmund. *Novas conferências introdutórias à psicanálise*. In: FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. Vol. 18. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 354. Em alemão a expressão encontra-se em FREUD, Sigmund. “Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in der Psychoanalyse”. In: FREUD, Sigmund. *Gesammelte Werke*. Bd. XV. Frankfurt am main: Fisher taschenbuch Verlag, 1999, p. 197.

²⁵ Ver, ROUANET, *op. cit.*, p. 13-25.

tópoi irreduzíveis, o sistema pré-consciente e consciente, presidido pelo Eu ou Ego (das Ich) com suas funções cognitiva, integrativa, intencional e adaptativa e o sistema inconsciente, como uma espécie de reservatório da libido e das representações sexuais recalcadas, por ele denominadas como “representações-coisa” (Sachvorstellungen). Estas se inscreviam no inconsciente, justamente por não serem diretamente acessíveis à fluidez da linguagem comunicacional, aquela do intercâmbio de palavras e significados socialmente partilhados (Wortvorstellungen). Apesar disso, essas representações inconscientemente inscritas não repousavam passivamente no fundo do psiquismo, mas mantinham a sua carga afetiva (Affektbetrag). Os sintomas neuróticos com suas muitas perturbações comportamentais e emocionais seriam justamente a interferência e a expressão indireta dessas representações não veiculadas de modo explícito, consciente e compartilhável nas interrelações pessoais.

No entanto, poder-se-ia perguntar, se o recalque dessas representações (Verdrängung) produzia tantas limitações e tormentos de onde proviria ele? Quais seriam as razões de sua manutenção e por que a as normas morais de todas as culturas teriam tornado imperiosa alguma forma de repressão sexual (Unterdrückung)? Freud encontrou a resposta a tais indagações em sua teoria da sexualidade infantil. Esta, ao contrário da genitalidade biologicamente voltada para a reprodução da espécie e regulada pelas instituições, se caracterizaria pelo polimorfismo e a perversão, e sua busca de satisfação a qualquer preço escaparia a todos os esforços de normatização, tornando-a socialmente inaceitável. A sexualidade humana por ser essencialmente infantil contradiria a homogeneização necessária à vida em comum, embora também jamais pudesse ser inteiramente eliminada, sempre ressurgindo a partir dos ingentes esforços do recalque. Assim, desse “retorno do recalcado” (Wiederkehr des Verdrängten) emergiriam os sintomas neuróticos. O mecanismo do recalque, apesar de produzir muito sofrimento psíquico, seria essencial para o bom andamento da vida social e o seu fracasso ou sobredeterminação por outros mecanismos de defesa, como a “negação” (Verleugnung) e a “rejeição” (Verwerfung), poderia levar aos comportamentos perversos e, até mesmo, ao colapso psicótico do Eu. Ora, a sexualidade infantil não devia ser confundida com a sexualidade das crianças, mas era uma condição específica do ser humano estando assentada no caráter plástico e conflitivo das pulsões em contraposição com a natureza rígida dos instintos animais.

Esse modelo do psiquismo, normalmente conhecido como “Primeira Tópica”, foi profundamente modificado no decurso das investigações freudianas. Duas modificações devem ser aqui brevemente assinaladas: a introdução, das teorias do narcisismo (1914) e da pulsão de morte (1920) e a proposição de um novo modelo do psiquismo (1923) conhecido como “Segunda Tópica”. Com isso a crença racionalista de Freud se enfraqueceu

e seu o viés crítico em relação aos ideais emancipatórios do Iluminismo se radicalizou. O Ego ou Eu (das Ich) é mais frágil do que ele anteriormente pensava, pois a sexualidade infantil o invade constantemente levando-o a grandes perturbações afetivas e a interpretações distorcidas do mundo e incidindo no descompasso entre as intenções racionais e suas efetivações comportamentais. Daí derivariam os comportamentos estranhos e irracionais de indivíduos razoavelmente bem integrados na sociedade: o boicote dos próprios objetivos, os impulsos incontrolláveis pondo a perder os esforços de adaptação institucional, as explosões de agressividade e raiva, o ódio aparentemente imotivado ao outro. Além disso, com a introdução da pulsão de morte, aquele solo pulsional no qual se assentava o psiquismo, denominado no novo modelo do psiquismo como “Isso” ou “Id” (das Es) estava irremediavelmente cindido e atravessado por um confronto irremediável. As expectativas de uma humanidade solidária e reconciliada consigo mesma deveriam ser vistas como ilusões narcísicas de onipotência, sempre desmentidas pelas guerras e pelo curso catastrófico da história.²⁶

O freudismo mostrava-se, assim, hostil aos pressupostos libertários e igualitários do socialismo. Por isso, distanciando-se de algumas das proposições fundamentais de Freud e de outros psicanalistas ortodoxos, Otto Fenichel, mais conhecido como estudioso das neuroses e das técnicas de tratamento psicanalítico, contribuiu para a revisão da metapsicologia ao recusar a ideia de um conflito intrínseco entre as pulsões, conflito insuperável e situado no “Id” ou “Isso” e posto como base de toda economia psíquica. Ele argumentou que esse nível seria injustificável e não poderia ser teorizado, pois nele não seria vigente o princípio de contradição e transferiu o antagonismo para a interrelação entre as diversas instâncias da personalidade, entre o “Eu”, o “Isso” e o “Super-eu” (das Über-Ich). Desse modo, apesar das descargas afetivas descontroladas, como no caso das situações de angústia, o fosso cavado entre o “Eu” e o “Isso” poderia ser mediatizado de algum modo, abrindo a possibilidade de um “Eu” saudável que, ao contrário do “Eu” neurótico, poderia se afirmar diante das outras instâncias psíquicas, sendo assim capaz de direcionar racionalmente os comportamentos e afetos. O importante aqui é ressaltar como Fenichel, por meio desse engenhoso rearranjo da teoria freudiana, pôde conceber a moldagem social das pulsões por meio dos processos de identificação, os quais poderiam canalizá-las tanto num sentido reativo e patológico, quanto no sentido da saúde individual e coletiva. Desse modo,

²⁶ Sobre esse resumo da metapsicologia freudiana, ver: MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. “Revisitando o conceito de eu em Freud: da identidade à alteridade”. *Estudos e Pesquisas em Psicologia* (UERJ). Ano 9, n. 1, 2009, p. 233-247. Ver também: BIRMAN, Joel. *Pensamento freudiano I. Ensaios de teoria psicanalítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993 p. 96-144 e BIRMAN, Joel. *Estilo e modernidade em psicanálise*. São Paulo: Editora 34, 1997, p. 9-42. Também: MEZAN, Renato. *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1989.

abriu-se na metapsicologia freudiana um espaço conceptual a partir do qual poder-se-ia conceber a educação esclarecida e a luta social e política da humanidade.²⁷

2.2. Wilhelm Reich: um caso exemplar

Inicia-se, assim, um movimento de revisão no interior da teoria psicanalítica com o intuito de desobstruir os canais de interlocução com o marxismo. Se Otto Fenichel, reconhecido estudioso das afecções neuróticas, permaneceu bem integrado ao movimento psicanalítico, isso não ocorreu com aquele que foi o mais decidido defensor da aproximação entre o freudismo e o marxismo. Wilhelm Reich, foi expulso em 1934 da “Associação Internacional de Psicanálise”, tendo sido na mesma época igualmente repudiado pelo Partido Comunista. Ele foi atacado por todos os lados e visto como perigoso dissidente do movimento psicanalítico ao recusar os conceitos freudianos de sexualidade infantil e de pulsão de morte tendendo a se afastar do caráter estrutural da metapsicologia freudiana para adotar uma concepção biológica, porém mais otimista, da libido. Em contraposição ao caráter perverso da sexualidade infantil, haveria, segundo Reich, em todo ser humano a capacidade de atingir elevada satisfação de sua sexualidade genital. Essa capacidade cuja realização poderia ser apaziguadora e proporcionar aos indivíduos uma relação mais saudável com o amor e o trabalho, foi por ele denominada “potência orgástica”. A fenomenologia clínica mostrava também, e mais frequentemente, que o fracasso de sua plena efetivação decorria de múltiplos fatores os quais concorriam para a formação de diversos quadros psicopatológicos: as neurastenias, aguda e crônica, hipocondrias, frigidez e ninfomania, impotência masculina, inibições, etc. Quando isso se sucede a libido represada convertia-se em angústia e para evita-la o Eu se revestia de uma carapaça defensiva. Isso levaria à intensificação do “instinto de destruição”, do ódio e da agressividade em relação aos outros e, por conseguinte, a pluralidade pulsional, a oposição entre as pulsões de vida e a pulsão de morte, não é uma condição humana biologicamente originária, mas resulta de uma formação reativa do caráter.

Todo esse processo não pode ser compreendido apenas a partir de fatores intrapsíquicos e das vicissitudes das vidas individuais, mas também pelos mecanismos ideológicos implementados pelo poder hegemônico, os quais são necessários à manutenção do *status quo* da sociedade. A moral

²⁷ WYS, Dieter. *Las escuelas de psicología profunda desde sus principios hasta la actualidad*. Madrid: Editorial Gredos, 1975, p. 150-159. Fenichel, assim como o acima citado Bernfeld, foi em sua juventude militante socialista. Ver: ROUDINESCO, Elizabeth e PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 230-232.

sexual vigente – “defendida pela burguesia tradicional e capitalista” – reforça o caráter reativo dos indivíduos, os fazem aceitar docilmente as imposições desumanas do trabalho alienado e da família patriarcal canalizando a sua frustração e agressividade para objetivos alheios aos seus próprios interesses. Desse modo, observa Reich,

temos que admitir que a deformação do amor tem um papel preponderante no desenvolvimento da crueldade, tanto no indivíduo como nas massas (...) Assim os interesses econômicos fizeram com que às inibições genitais individuais se viessem juntar as restrições exteriores.²⁸

Freud já havia mostrado em 1921, com a sua obra “Psicologia das massas e análise do Eu”, a íntima vinculação entre psicologia individual e psicologia social (Massenpsychologie) e a importância de não se cair na tentação de separá-las abstratamente, “pois o Outro é via de regra considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador e adversário”.²⁹ Reich, por sua vez, retoma a investigação freudiana, porém tornando-a muito mais contundente ao referi-la às situações concretas dos novos movimentos de massa fascistas por ele testemunhados no início dos anos 1930. Se ele reformulou a teoria freudiana, ao deslocar o conflito de sua base pulsional para situá-lo nas condições subjetivas e históricas do desenvolvimento da genitalidade, ele também se contrapôs à inclinação economicista do marxismo e ressaltou o papel da ideologia na conformação das massas como fator crucial para a explicação de sua submissão aos valores e objetivos reacionários. Para ele, o objeto da psicologia política consiste em demonstrar o modo como a realidade material, estudada pela economia política, converte-se em realidade psíquica pela intermediação da organização familiar patriarcal visando o sufocamento da potência orgástica

Reich foi um pioneiro ao propor a revisão recíproca da teoria pulsional freudiana e da ortodoxia economicista do marxismo e sua obra possui o inegável mérito de explorar as possíveis mediações entre as estruturas sociais e os processos de subjetivação por meio de sua noção de caráter. Esta pode ser compreendida como inserção na dinâmica psíquica dos

²⁸ Cf. REICH, Wilhelm. *Psicopatologia e sociologia da vida sexual* (Die Funktion des Orgasmus). São Paulo: Global Editora e Distribuidora, sem data, p. 221, 227 e 229. A edição brasileira é a tradução da publicação original de 1927, intitulada “A função do orgasmo”. Sobre o conceito de “potência orgástica” e suas perturbações psíquicas, ver: *Op. cit.* p. 41-94.

²⁹ Cf. FREUD, Sigmund. “psicologia das massas e análise do Eu”. *Obras Completas*. Vol. 15. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 14. Adorno sublinhou o caráter premonitório dessa obra de Freud acerca do perigo fascista. Cf. ADORNO, Theodor. “Teoria freudiana e o padrão da teoria fascista”. In: ADORNO, Theodor. *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise*. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 156-157. Para colocar as ideias de Freud acerca da “psicologia das massas” no quadro mais amplo da filosofia política, ver: DRAWIN, Carlos Roberto e MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. “Paixão e política. Subsídios para uma discussão crítica”. In: MOREIRA, Jacqueline de O. e SILVA, Ana Carolina Dias (Orgs.). *Psicologia das Massas, 100 anos. Atualizações e reflexões*. Curitiba: CRV, 2021, p. 15-45.

imperativos da ideologia dominante promovendo a aceitação, por parte dos indivíduos, de seu lugar e função nas relações sociais de produção. A formação defensiva do caráter se tornaria um impedimento para o livre desenvolvimento da capacidade de realização amorosa e de criação espiritual, o que seria determinante não apenas de sintomas neuróticos pontuais ou condutas facilmente descritas como psicopatológicas, mas produziria todo um estilo de personalidade, um modo de ser designado por Reich como “caráter neurótico”, através do qual se poderia explicar a docilidade dos indivíduos e o fanatismo das massas. Este se caracteriza pela contenção, submissão, ressentimento, atitudes autoritárias, agressividade e outros traços de enrijecimento psíquico que também se manifestam corporalmente como uma espécie de couraça muscular. Essa psicopatologia da personalidade total do paciente exige do terapeuta não somente uma nova abordagem técnica – a passagem de uma atitude passiva para uma postura ativa, com a inclusão da intervenção corporal – mas o torna um agente de mudança social e o compromete com atividades educacionais e políticas de crítica e transformação da sociedade.

A síntese freudiana-marxista proposta por Reich rejeitava quer a objeção marxista à psicanálise, ao considera-la como ciência idealista associada à ideologia da burguesia decadente, quanto à teoria da pulsão de morte, vista como uma noção carente de base material, ao contrário da teoria da libido sexual. Afinal, a noção freudiana de “pulsão de morte” poderia ser facilmente convertida numa especulação idealista aliada ao conformismo e ao pessimismo conservador. Contra tal tendência ele propunha a hipótese do caráter reativo dos impulsos destrutivos a partir de uma concepção materialista da libido. A prevalência da libido e do amor sobre a agressividade e o ódio mostrariam que a destrutividade não se originaria do insuperável conflito das pulsões, mas das condições históricas impeditivas do desenvolvimento saudável dos indivíduos e das populações.³⁰

O pioneirismo de Reich ao desenvolver a sua teoria do caráter na segunda metade dos anos 1920 pôde ser comprovado por sua lúcida análise da ascensão do nazismo como movimento de massa capaz de mobilizar politicamente a frustração e o ódio de largos espectros da sociedade alemã. Atacado pelo órgão oficial do Partido Nazista em março de 1933, ele também foi excluído, em abril do ano seguinte, do Partido Comunista, pois o *Komintern* rejeitou a sua interpretação do nazismo, apresentada em “Psicologia de massas do fascismo”, por considerar a vitória do nazismo como um fenômeno transitório. No segundo semestre de 1934 ele tam-

³⁰ Ver: REICH, Wilhelm. *Materialismo dialético e psicanálise*. Lisboa: Editorial presença, 1977, p. 37-50. Este texto de Reich foi publicado pela primeira vez em 1929 na já mencionada revista “Unter dem Banner des Marxismus” e foi reeditado em 1934. Uma exposição clara e sintética das ideias críticas de Reich à teoria pulsional freudiana encontra-se em: De MARCHI, Luigi. *Wilhelm Reich. Biografia de una idea*. Barcelona: Ediciones Península, 1974, p. 77-110.

bém foi eliminado da “Sociedade Psicanalítica Alemã” e da “Associação Internacional de Psicanálise”. Isolado e exilado, fazendo acerbas críticas ao regime soviético porque, apesar das promessas iniciais de liberação sexual, ele havia sucumbido à mesma moral repressiva dominante nos países ocidentais capitalistas, Reich iria desenvolver a sua teoria numa direção biologizante. Mas a sua teoria psicossomática, baseada nas funções do sistema nervoso vegetativo, postulando, com ela, até mesmo, um alcance psicofísico e cósmico, não pode ser atribuída apenas às suas vicissitudes biográficas e à crescente manifestação de seus delírios paranoicos. Ele pode ser tomado como um caso exemplar não apenas por seu ostracismo institucional, ilustrativo das dificuldades do encontro da psicanálise com o marxismo, mas, sobretudo, pelo desenvolvimento posterior de suas ideias. Ao anunciar o descobrimento de um campo energético vital, cujos desequilíbrios seriam responsáveis pelos mais diversos tipos de patologia, ele retirava algumas consequências extremas dos pressupostos ontológicos contidos em sua concepção biológica do materialismo.³¹

A trajetória de Reich, seja por sua lucidez política, seja por seu estranho desfecho, quando ele se entregou a suas extravagantes especulações cosmológicas acerca da energia “orgônica”, nos suscita o espinhoso problema do estatuto ontológico do materialismo. Se o materialismo pode ser uma preciosa estratégia teórica ao retirar a crítica de seu enovelamento idealista e obrigá-la a voltar-se para as contradições intrínsecas do objeto a ser criticado, por outro lado, a discussão acerca de seu estatuto ontológico não pode ser indefinidamente postergada. O encontro da crítica da economia política com a psicanálise freudiana reatualiza o caráter incontornável dessa discussão: como conceber a autonomia e a força causal de “entidades” tais como ideologia e psiquismo? Se as concebemos como “reflexos” de uma base material prévia não recairíamos naqueles mesmos impasses do marxismo que a teoria crítica pretendeu superar? Freud também não enfrentou a dificuldade e, apesar de sua profissão de fé materialista, jamais elucidou satisfatoriamente o que poderia ser entendido por “realidade psíquica”. Talvez esse desafio não possa ser respondido e a interrogação, reatualizada no encontro da psicanálise com o marxismo, deva ser mantida em suspenso. Isso, todavia, não se legitima em nome da comodidade metafísica, mas somente para que a intenção crítica possa se revestir com outras roupagens teóricas num mundo cada vez mais difícil de ser interpretado e cujo horizonte tornou-se ainda mais nebuloso. Talvez o tempo de sua transformação tenha passado e, como indicou Adorno ao discutir

³¹ Para a crítica de Reich aos rumos do regime soviético, ver: REICH, Wilhelm. *A revolução sexual*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1974. Para uma cronologia da vida e obra de Reich, ver: GARCÍA, Ramón. *Psicoanálisis y sociedad: apuntes de freudo-marxismo*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1975 e REICH, Ilse Ollendorf de. *Wilhelm Reich. Uma biografia personal*. Barcelona: Granica editor, 1978. E para o desenvolvimento das ideias de Reich, inclusive o seu período chamado “orgônico” (1935-1957), ver o livro acima citado de Luigi de Marchi.

a possibilidade da filosofia no início de sua “Dialética negativa”, por isso mesmo a sua interpretação se impõe mais do que nunca como uma tarefa tão urgente, quanto complexa.³²

3. A posição da polarização radicalizada

A senda de Reich foi retomada por Erich Fromm e Karen Horney e por todos aqueles que adotaram o revisionismo psicanalítico. No afã de adequar a psicanálise freudiana ao pensamento social progressista, vista como excessivamente pessimista e a-histórica, eles se empenharam na síntese do marxismo e da psicanálise ao dela eliminar a inassimilável teoria das pulsões e propuseram retraduzir sociologicamente as suas categorias fundamentais. Adorno se contrapôs vigorosamente a tal tendência propugnando a manutenção do freudismo justamente naqueles aspectos que provocavam o escândalo dos progressistas e adeptos da racionalidade modernizadora: o conflito pulsional, a sexualidade infantil, a inevitabilidade do trauma, a cisão do psiquismo, a dependência e fragilidade do Eu. Para ele os revisionistas neutralizam o impacto subversivo desses conceitos

...como se a compreensão de Freud sobre a inevitabilidade dos conflitos culturais, portanto, sobre a dialética do progresso, não tivesse esclarecido mais acerca da essência da história do que a apressada invocação de fatores do ambiente que, segundo os revisionistas, explicariam o surgimento dos conflitos neuróticos (...) A insistência na totalidade como oposto do impulso único e fragmentário implica uma crença harmônica na unidade da pessoa, que na sociedade subsistente é impossível, talvez nem sequer desejável.³³

Essa aposta na autonomia do Eu, na harmonia dos impulsos, na aspiração da totalidade social, não faria mais do que mascarar o caráter traumático da sociedade e endossar a crença fetichista que ela produz acerca de si mesma e por meio da qual ela justifica o caráter perverso de seu funcionamento. Por isso, Adorno, em sua intenção de se contrapor às técnicas psicoterápicas avessas às bases teóricas da psicanálise e voltadas à adaptação e ao fortalecimento de personalidades bem sucedidas, propôs o aforismo segundo o qual “na psicanálise nada é verdadeiro a não ser seus exageros”.³⁴

³² ADORNO, Theodor. *Dialética NEGATIVA*. *Op. cit.* p. 11.

³³ Cf. ADORNO, Theodor. “A psicanálise revisada”. In: ADORNO, Theodor. *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise*. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 47 e 49.

³⁴ Cf. ADORNO, Theodor. *Minima Moralia. Reflexões a partir da vida danificada*. São Paulo: Editora Ática, 1992, p. 41. Ver a excelente exposição sobre as ideias de Horkheimer e Adorno acerca da psicanálise em: ROUANET, Sérgio Paulo. *Teoria crítica e psicanálise*. *Op. cit.* p. 69-197. Esp. p. 78-98. E também, WHITTEBOOK, Joel. “A união de Marx e Freud: a Teoria Crítica e a Psicanálise”. In: RUSH, Fred (Org.). *Teoria Crítica*. Aparecida/SP: Ideias & Letras, 2008, p. 105-134.

Adorno percebeu como o bom funcionamento do capitalismo não poderia ser obstaculizado por normas e valores morais cuja função já havia se tornado obsoleta. Ao contrário do que acreditava Reich, a liberação sexual longe de ser ameaçadora para a manutenção da servidão das massas, deveria ser aceita e incentivada para a sua satisfação compensatória e pacificadora. Posteriormente, cerca de vinte anos após a observação de Adorno acerca do papel conformista da liberação sexual, Marcuse mostrou com o seu conceito de “dessublimação repressiva” como não somente as massas, mas também as elites culturais se fusionavam num realidade achatada, que não mais necessitava da repressão sexual manifesta, porque poderia oferecer novos meios de gozo e, aliás, nem mais necessitava recorrer ao mecanismo da sublimação, porque a antiga “alta” cultura havia entrado no circuito funcional do cotidiano de uma sociedade que *“pode permitir mais do que antes porque os seus interesses se converteram nos impulsos mais íntimos de seus cidadãos e os prazeres por ela concedidos promovem a coesão e o contentamento sociais”*.³⁵

Marcuse, porém, rejeitando vigorosamente a nostalgia romântica acerca de uma época anterior à civilização técnica, ainda situa a *“ruptura da continuidade”* histórica e o *“salto qualitativo”* no *“desenvolvimento das forças produtivas”* e nas contradições inerentes à *“tecnificação da dominação que solapa os fundamentos da dominação”*. Ele ainda se fiava numa visão otimista acerca do *“fim da utopia”* uma vez que já despontavam as condições para *“a gênese e o desenvolvimento da necessidade vital de liberdade”*, apesar de seu sufocamento nas populações integradas dos países capitalistas desenvolvidos.³⁶

Assim, se o recuo teórico necessário à compreensão crítica das novas condições sociais do mundo nos anos vinte, impunha a abertura interdisciplinar e o recurso a fontes filosóficas heterogêneas, as condições extremas do capitalismo tardio exigem uma verdadeira transfiguração dos pressupostos epistemológicos e ontológicos da teoria crítica. Podemos discernir esse movimento de polarização radicalizada na obra do filósofo esloveno Slavoj Žižek, em sua proposta, algo inusitada, de promover uma interlocução recíproca da filosofia hegeliana com a psicanálise lacaniana como um caminho fecundo de mapeamento da ideologia contemporânea. O inusitado dessa aproximação aporética de Hegel e Lacan se justificaria diante da imensidão do desafio a ser enfrentado como se vê na seguinte afirmação do filósofo:

Parece mais fácil imaginar o ‘fim do mundo’ que uma mudança muito mais modesta no modo de produção, como se o capitalismo liberal fosse o ‘real’ que de alguma forma sobreviverá, mesmo na eventualidade de

³⁵ Cf. ADORNO, Theodor. “Tabus sexuais e direito hoje”. In: ADORNO, Theodor. *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise*. Op. cit. p. 201. E, ver: MARCUSE, Herbert. *One-dimensional man*. Op. cit. p. 56-82. Citação da p. 72.

³⁶ Cf. MARCUSE, Herbert. “The end of utopia”. In: MARCUSE, Herbert. *Five lectures. Psychoanalysis, politics, and utopia*. Boston: Beacon Press, 1970, p. 65-66.

uma catástrofe ecológica global...Assim, pode-se afirmar categoricamente a existência da ideologia qua matriz geradora que regula a relação entre o visível e o invisível, o imaginável e o inimaginável, bem como as mudanças nessa relação.³⁷

A avaliação da proposta filosófica de Zizek, seja do ponto de vista dos estudos hegelianos ou mesmo de sua consistência, demandaria um estudo minucioso de sua extensa e dispersiva obra. Desejamos, contudo, indicar alguns aspectos de sua estratégia hermenêutica para pensar o “real da ideologia” e sua proximidade com a proposição de Adorno, “*o todo é o não-verdadeiro*” (das Ganze ist das Un-Wahre). A inversão da tese hegeliana segundo a qual “o verdadeiro é o todo” (das Wahre ist das Ganze) ilumina a sua verdade dialética já assinalada em sua sequência textual: “*mas o todo é somente a essência que se implementa através de seu desenvolvimento. Sobre o absoluto, deve-se dizer que é essencialmente resultado; que só no fim é o que é na verdade*”.³⁸

Não obstante, Zizek, esclarece como ele compreende o perpassar dialético do verdadeiro e do não verdadeiro na totalidade:

O conceito lacaniano do ‘não todo’ nos oferece a única maneira de impedir que esse tema de Adorno, ‘o Todo é o não verdadeiro’, recaia no ‘mau infinito’ relativista: se o ‘Todo não-verdadeiro’ marca a totalidade imaginária, convém compreendê-lo como o efeito de uma verdade não toda, da verdade significativa que só se trai por um ‘detalhe’ que quebra a homogeneidade do Todo imaginário.³⁹

O que se quer dizer com isso? Ele quer evitar o dilema pós-moderno instaurado após o refluxo tanto da crença hegeliana na história como uma totalidade racional, quanto da análise estrutural marxiana da sociedade capitalista. O dilema, após o fim “dos grandes relatos”, consistiria na abdicação da crítica sistêmica pela “*impossibilidade de mediar os elementos heterogêneos que encontramos em nossa experiência*”. Assim, o conformismo político e o derrotismo histórico permaneceriam incólumes sob a proteção da retórica libertária das diferenças, o relativismo moral e a proclamação abstrata dos direitos humanos. A alternativa não seria, entretanto, retornar à crença no progresso inexorável da humanidade ou restaurar a totalidade

³⁷ Cf. ZIZEK, Slavoj. “O espectro da ideologia”. In: ZIZEK, Slavoj (Org.). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 7.

³⁸ Cf. ADORNO, Theodor. *Minima Moralia*. Op. cit. p. 42. A proposição de Adorno pode ser melhor compreendida em: ADORNO, Theodor. *Três estudos sobre Hegel*. São Paulo: editora Unesp, 2013. p. 174. Conforme a citação a expressão hegeliana encontra-se em: HEGEL, Georg W. F. *Fenomenologia do espírito*. Tradução Paulo Meneses. Petrópolis: Editora Vozes; Bragança Paulista/SP: Editora Universitária São Francisco, 2014, p. 33. IDEM. *Phänomenologie des Geistes*. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 1952, p. 21.

³⁹ Cf. ZIZEK, Slavoj. *Eles não sabem o que fazem. O sublime objeto da ideologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1992, p. 44.

imaginária da emancipação. Ao contrário, o “saber absoluto” nada afirma acerca de uma harmonia a ser finalmente alcançada, senão

confronta o sujeito com o fato de que o verdadeiro Absoluto não é mais do que a disposição lógica dos frustrados intentos anteriores de conceber o Absoluto: confronta o sujeito com a vertiginosa experiência de que a verdade em si coincide com o caminho para a verdade.⁴⁰

A “verdade não-toda” da psicanálise lacaniana denuncia a totalidade imaginária, seja como uma harmonia já presente, seja como aquilo que será plenamente realizado no futuro. Nem por isso, as lutas são vãs ou se deve renunciar à busca da verdade em seu sentido histórico, pois esta reside no pensamento, no conhecimento sempre renovado e diferencialmente repetido do Absoluto enquanto *“inacabado, ‘não-todo’, um Outro articulado a partir de um buraco, um Outro que traz em seu seio um núcleo ex-timo, não simbolizável”*. A psicanálise lacaniana – retomando as ideias freudianas de inconsciente e pulsão – concebe o sujeito não apenas como resultado do conflito intersubjetivo ou como determinado por uma ordem simbólica que o ultrapassa, mas como habitado por *“um núcleo impossível/não-simbolizável”*, o real como vazio insatisfatório, mas que pode ser *“discernido em seus vestígios, efeitos e consequências”*.⁴¹

Nessa perspectiva os conceitos psicanalíticos são a-históricos, porque não há como superar historicamente a impossibilidade que atravessa e barra todos os projetos humanos. As totalizações imaginárias sempre redundam em fracassos, mas aí mesmo reside a verdade de seu ímpeto crítico, porque os fracassos podem ser pensados como possibilidades. Assim, o já acontecido pode ser reinterpretado não somente acerca do “o quê”, “do porquê” e “do como” aconteceu, mas ser reintroduzido no presente na figura de uma alternativa ou de um “ainda não”. Para pensar os fracassos não como acontecimentos encerrados em si mesmos, mas como possibilidades históricas, Žižek nos remete à descrição freudiana do mecanismo em dois tempos da neurose obsessiva – caracterizada pelo cancelamento de uma ação por outra que a sucede – porém, a entrecruza com a ideia hegeliana da “potência do espírito” (Macht des Geistes) de *“fazer com o que aconteceu não tenha acontecido”*, enfatizando que ambos utilizaram uma mesma expressão: a “anulação do acontecido” (das Ungeschehenmachen).⁴²

⁴⁰ A citação e a frase em itálico em: ŽIŽEK, Slavoj. *Porque no saben lo que hacen. El goce como um fator político*. Buenos Aires, Barcelona, Méx.: Paidós, 2006, p. 137-138.

⁴¹ As frases em itálico referem-se a ŽIŽEK, Slavoj. *O mais sublime dos históricos. Hegel com Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1991, p. 77; 80 e a ŽIŽEK, Slavoj. *Acontecimento: uma viagem filosófica através de um conceito*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017, p. 112.

⁴² Cf. ŽIŽEK, Slavoj. *O mais sublime dos históricos*. Op. cit. p. 80. A descrição desse mecanismo e o uso da expressão encontra-se em: FREUD, Sigmund. “Inibição, sintoma e angústia”. In: FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. Vol. 17. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 48 e 57. Para o original alemão, ver: FREUD, Sigmund. “Hemmung, Symptom und Angst”. In: FREUD, Sigmund. *Gesammelte Werke*. Bd. XIV. Frankfurt am Main: Fisher Taschenbuh Verlag, 1999, p. 142; 149-150. As referências de Žižek a Hegel, estão apoiadas em duas passagens. A primeira delas encontra-se no final do capítulo VI da

Desse modo, a psicanálise em sua versão lacaniana, justamente por seus conceitos aparentemente mais avessos à historicidade marxista, mostra o seu potencial crítico numa época na qual a ideologia tornou-se o real da autorreprodução do capital e, enquanto tal, passou a circular segundo a equivalência universal de suas aparentes oposições⁴³. Desse modo, a realidade do capital, fantasiando-se de absoluto, nos seduz, seja se revestindo da forma científica do mais estrito naturalismo, com a qual o humano se esgota em suas necessidades e satisfações, seja se enevoando no conteúdo do mais fragmentário construtivismo, com o qual o humano se dispersa no indefinido de seus onirismos e aspirações.

Considerações finais

O fio condutor do nosso texto, como foi antecipado no resumo inicial, consistiu em assinalar a relevância ainda atual da psicanálise para a compreensão crítica das contradições do nosso tempo. O nosso objetivo não foi, portanto, o de apresentar os diferentes modos de apropriação da psicanálise pela Teoria Crítica da Sociedade, trabalho já realizado com maestria por diversos autores, nem abordar em detalhe como essa apropriação se deu neste ou aquele representante da chamada “Escola de Frankfurt”. Antes, pretendemos apenas indicar que da mesma forma que a psicanálise freudiana desempenhou um papel fundamental na constituição da Teoria Crítica originária, também hoje, no contexto do capitalismo tardio, ela pode contribuir decisivamente para a transfiguração da Teoria Crítica, ou seja, para o engendramento de outras figuras críticas que normalmente não seriam consideradas como pertencentes à sua tradição. Para tanto, como já tinha antecipado Theodor Adorno, o seu potencial crítico deve ser discernido justamente naqueles aspectos aparentemente mais antagônicos à visão humanista, progressista e racional da história.

“Fenomenologia” acerca da potência do espírito sobre o seu conceito determinado. Cf. HEGEL, Georg W. F. *Phänomenologie des Geistes*. Werke 3. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1970, p. 492. A segunda encontra-se em: O Conceito de Religião das “Lições sobre a filosofia da religião”. Cf. HEGEL, Georg W. F. *Vorlesungen über die Philosophie der religion. Erster Band. Halbband 1; Begriff der Religion*. Hamburg: Felix meiner Verlag, 1966, p. 172. Passagens que exigiriam uma compreensão bem mais matizada de seu pano de fundo teológico e metafísico, mas Zizek as utiliza com outros objetivos.

⁴³ A teoria psicanalítica acerca do “vazio” no núcleo da subjetividade não pode prescindir da crítica marxiana do fetichismo e da forma-mercadoria como “a ausência de qualquer conteúdo, o vazio, a pura quantidade sem qualidade”, segundo a observação de Anselm Jappe em seu magnífico ensaio. Ver: JAPPE, Anselm. *A sociedade autofágica. Capitalismo, desmesura e autodestruição*. São Paulo: Elefante editora, 20021, p. 30.

Referências

- ADORNO, Theodor W. *Dialectica negativa*. Madrid: Taurus Ediciones, 1975.
- ADORNO, Theodor W. *Minima Moralia*. Reflexões a partir da vida danificada. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- ADORNO, Theodor W. *Três estudos sobre Hegel*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- ADORNO, Theodor W. *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise*. São Paulo: editora Unesp, 2015.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- AGAMBEN, Giorgio. *O reino e a glória: uma genealogia teológica da economia e do governo*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- BEDESCHI, Giuseppe. *Alienación y fetichismo en el pensamiento de Marx*. Madrid: Alberto Corazón Editor, 1975.
- BIRMAN, Joel. *Pensamento freudiano I. Ensaio de teoria psicanalítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- BIRMAN, Joel. *Estilo e modernidade em psicanálise*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. *Metafísicas canibais*. Elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- COURTOIS, Stéphane [et al.]. *O livro negro do comunismo*. Crimes, terror e repressão. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018.
- DARDOT, Pierre e LAVAL, Christian. *A sombra de outubro*. A Revolução Russa e o espectro dos soviets. São Paulo: Editora Perspectiva, 2018.
- DE CAUX, Luiz Philipe. "A reconstrução normativa como método em Honneth". *Peri*. V. 7, n. 2, 2015, p. 83-98.
- DE CAUX, Luiz Philipe. *A imanência da crítica*. Os sentidos da crítica na tradição frankfurtiana e pós-frankfurtiana. São Paulo: Edições Loyola, 2021.
- DE MARCHI, Luigi. *Wilhelm Reich. Biografia de uma ideia*. Barcelona: Ediciones península, 1974.
- DESCOLA, Philipe. *Outras naturezas, outras culturas*. São Paulo: Editora 34, 2016.
- DOMÍNGUES, Ivan. Multi, inter e transdisciplinaridade: onde estamos e para onde vamos? *Pesquisa em Educação Ambiental*, v. 7, n. 2, p. 11-26.
- DRAWIN, Carlos R. e MOREIRA, Jacqueline de O. "Paixão e política: subsídios para uma discussão crítica". In: MOREIRA, Jacqueline; SILVA, Ana Carolina Dias (Orgs.). *Psicologia das massas. 100 anos: atualizações e reflexões*. Curitiba: Editora CRV, 2021, p. 15-45.
- DUARTE, Rodrigo. *Dizer o que não se deixa dizer*. Para uma filosofia da expressão. Chapecó: Argos Editora Universitária, 2008.
- FLECK, Amaro. "Afim de contas, o que é a teoria crítica?". *Princípios. Revista de Filosofia*. Natal, v. 24, n. 44, maio-agosto 2017, p. 97-127.

- FLECK, Amaro. "Resignação? Práxis e política na teoria crítica tardia de Theodor W. Adorno". *Kriterion*, Belo Horizonte, v. LVIII, n. 138, setembro-dezembro 2017, p. 467-490.
- FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia. In: FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. Vol. 17. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 13-123.
- FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão. In: FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. Vol. 17. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 231-301.
- FREUD, Sigmund. "Acerca de uma visão de mundo". In: FREUD, Sigmund. *Novas conferências introdutórias à psicanálise*. In: FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. Vol. 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 321-354.
- FREUD, Sigmund. Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in der Psychoanalyse. In: FREUD, Sigmund. *Gesammelte Werke*. Bd. XV. Frankfurt am Main: Fisher Taschenbuch Verlag, 1999.
- FREUD, Sigmund. Hemmung, Symptom und Angst. In: *Gesammelte Werke*. Bd. XIV. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1999, p. 111-205.
- FROMM, Erich. *Conceito marxista do homem*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.
- GANGL, Manfred G. "Le programme interdisciplinaire de l' Institut de recherche Sociales sous la Direction de Mas Horkheimer". *Archives de Philosophie*, 49, 2, 1986, p. 205-223.
- GARCÍA, Ramón. *Psicoanálisis y sociedade: apuntes de freudo-marxismo*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1975.
- HEGEL, Georg W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Tradução Paulo meneses. Petrópolis: editora Vozes; Bragança Paulista/SP: Editora Universitária São Francisco, 2014.
- HEGEL, Georg. W. F. *Phänomenologie des Geistes*. Hamburg: Verlag Felix Meiner Verlag, 1952/1970.
- HEGEL, Georg W. F. *Vorlesungen über die Philosophie der religion*. Erster band. Halbband I: Begriff der religion. Hamburg: felix Meiner verlag, 1966.
- HOBSBAWN, Eric J. (Org.). *História do marxismo*. Vol. I: O marxismo no tempo de Marx. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- HOBSBAWN, Eric J. (Org.). *História do marxismo*. Vol. II: O marxismo na época da Segunda Internacional (Primeira parte). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- HORKHEIMER, Max. "La situation actuelle de la philosophie sociale et le tâches d'um Institut de recherche sociale". In: HORKHEIMER, Max. *Théorie Critique*. Essais. Paris: Payot, 1978, p. 65-80.
- HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento*. A gramática moral dos conflitos políticos. São Paulo: Editora 34, 2003.
- HONNETH, Axel. *Reificação*. Um estudo de teoria dom reconhecimento. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- JACOBY, Russel. *Amnésia social*. Uma crítica à psicologia conformista, de Adler a Laing. Rio de Janeiro, 1977.

- JAPPE, Anselm. *A sociedade autofágica*. Capitalismo, desmesura e autodestruição. São Paulo: Elefante, 2021.
- JAY, Martin. *La imaginación dialectica*. Historia de la escuela de Frankfurt y el Instituto de Investigación Social (1923-1950). Madrid, Taurus ediciones, 1974.
- JEFRIES, Stuart. *Grande hotel abismo. A Escola de Frankfurt e seus personagens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- KORSCH, Karl. *Marxismo e filosofia*. Porto Edições Afrontamento, 1977.
- LEFEBVRE, Henri. *O pensamento de Lenine*. Lisboa: Moraes Editores, 1969.
- LUKÁCS, Georg. *Historia y consciência de classe*. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1969.
- LUKÁCS, Georg. *El asalto a la razón*. La trayectoria del irracionalismo desde Schelling hasta Hitler. Barcelona: Grijalbo, 1978.
- LENINE, Vladimir I. “As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo”. In: LENINE, Vladimir I. *Obras Escolhidas em três tomos*. Vol. I. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1986.
- MARCUSE, Herbert. *Reason and Revolution*. Hegel and the rise of social theory. Boston: Beacon Press, 1960.
- MARCUSE, Herbert. *One-dimensional man*. Studies in the ideology of advanced industrial Society. Boston: Beacon Press, 1964.
- MARCUSE, Herbert. *Five lectures. Psychoanalysis, politics, and utopia*. Boston: Beacon Press, 1970.
- MARX, Karl. “Manuscritos económico-filosóficos de 1844”. In: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Escritos económicos vários*. Barcelona: Editorial Grijalbo, 1975, p. 25-125.
- MEZAN, Renato. *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1989.
- MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. Revisitando o conceito de eu em Freud: da identidade à alteridade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia* (UERJ). Ano 9, N. 1, 2009, p. 233-247.
- MOREIRA, Jacqueline de O.; RENA, Ana C.; BOLAÑOS, Diego; OLIVEIRA, Lucas. “Teoria crítica e transdisciplinaridade: uma aposta na proposta emancipatória”. *Psicologia em Revista*, v. 25, Belo Horizonte, 2019, p. 330-345.
- MÜLLER-DOOHM, Stefan. *En tierra de nadie. Theodor W. Adorno: uma biografia intelectual*. Barcelona: Heder Editorial, 2003.
- NICOLESCU, Bessarab. Transdisciplinarity. Bessarab Nicolescu talks with Russ Volkmann. *Integral Review*, n. 4, p. 73-87.
- NOBRE, Marcos. “Teoria crítica: uma nova geração”. *NOVOS Estudos CEBRAP*, n. 93, julho 2012, p. 23-27.
- NOBRE, Marcos. “Modelos de teoria crítica”. In: NOBRE, Marcos (Org.). *Curso livre de Teoria Crítica*. Campinas/SP, Papirus, 2013, p. 9-20.
- PUNTEL, Lorenz Bruno. “A ‘Ciência da Lógica’ de Hegel e a dialética materialista: uma nova visão de um antigo problema”. *Síntese* (Nova Fase). Vol. II, n. 5 (1975), p. 3-36

- RAULET, Gérard. "L'évolution de Max Horkheimer vers le pessimisme?". *Archives de Philosophie*, 49,2, 1986, p. 249-274.
- REICH, Wilhelm. *A revolução sexual*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1974.
- REICH, Ilse Ollendorf de. *Wilhelm Reich. Uma biografia personal*. Barcelona: Granica Editor, 1978.
- RENAULT, Emmanuel; DUMÉNIL, Gérard; LÖWY, Michael. *Ler Marx*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- ROUANET, Sérgio Paulo. *Teoria crítica e psicanálise*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1983.
- ROUDINESCO, Elizabeth e PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- SCHAFF, Adam. *La alienación como fenómeno social*. Barcelona: Editorial Grijalbo, 1979.
- SCHMIDT, Alfred. "Loeuvre de jeunesse de Horkheimer et na naissance de la théorie Critique". *Archives de Philosophie*. Tome 49, chier 3, Avril-Juin 1986, p. 179-204.
- SCHOOLMAN, Morton. *The imaginary witness*. The critical theory of Herbert Marcuse. New York/London: Macmillan Publishing Co., 1980.
- VINCENT, Jean-Marie. *La théorie de l'école de Francfort*. Paris: Éditions Galilée, 1975.
- WHITEBOOK, Joel. "A união de Marx e freud: a teoria Crítica e a Psicanálise". In: RUSH, Fred (Org.). *Teoria Crítica*. Aparecida/SP: ideias & Letras, 2008, p. 105-134.
- WYS, Dieter. *Las escuelas de psicologia profunda desde sus principios hasta la actualidad*. Madrid: Editorial Gredos, 1975.
- ZIZEK, Slavoj. *O mais sublime dos histéricos. Hegel com Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.
- ZIZEK, Slavoj. *Eles não sabem o que fazem. O sublime objeto da ideologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1992.
- ZIZEK, Slavoj. "O espectro da ideologia". In: ZIZEK, Slavoj (Org.). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 7-38.
- ZIZEK, Slavoj. *Porque no saben lo que hacen. El goce como fator político*. Buenos Aires/Barcelona/México: Paidós, 2006.
- ZIZEK, Slavoj. *Acontecimento. Uma viagem filosófica através de um conceito*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

Carlos Roberto Drawin
 Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127
 Planalto
 31720-300 Belo Horizonte – MG
 carlosdrawin@yahoo.com.br